

#33 A Essência do Roteiro dos Oito Pontos da Prajna Paramita
– RI 2020
Lama Padma Samten

<Bacupari, 22/08 a 30/08>
Revisão: Sandra Knoll 18/10/2023

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #33

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com.

A Essência do Roteiro dos Oito Pontos da Prajna Paramita

O estudo dos oito pontos do Prajnaramita é uma tentativa de aprofundar a contemplação ligada a esses temas todos. Esse é o ponto. Se nós quisermos trazer uma especificidade, uma particularidade, que vai surgir momento após momento, aqui dentro, o ponto principal é que eu vou utilizar o argumento da bolha de realidade, o tempo todo, como aquilo que dá sentido. Esse tema da bolha é uma forma de explicar a origem dependente. Nós poderíamos pensar que a origem das aparências se dá na dependência de um fator, na presença daquele fator, como por exemplo, o jogo. O fluxo da minha mente por dentro do tabuleiro produz a inteligência correspondente ao jogador que, então, vai fazer muitas diferentes ações ali dentro, ações livres, mas ações balizadas por um conjunto de referenciais. O fluxo da mente vai operar assim, o fluxo livre da mente primordial flui por dentro dos referenciais do jogo e produz a inteligência do jogo. É assim, é simples! Aqui, em vez de dizer simplesmente os referenciais e origem dependente, eu fico usando esse argumento da bolha. A minha mente, agora operando dentro da bolha do jogo, produz um personagem, que é sustentado pela inteligência que brota nos referenciais. Eu sei quais são as regras, coloco-me como alguém que vai disputar aquilo. Nós vemos o outro como se fosse alguém verdadeiro na nossa frente. Esse conjunto de situações termina produzindo os referenciais que nos fazem operar conforme a bolha de realidade.

A noção de bolha de realidade é muito útil, porque ela é muito prática, no sentido de que os referenciais parecem alguma coisa abstrata. Se eu falar, por exemplo, nos espaços de possibilidades como Wittgenstein fala, fica super profundo. Eu não consigo localizar bem o espaço de possibilidades! Mas, se eu falar do tabuleiro de um jogo, a pessoa olha e ela está vendo quais são as suas possibilidades. Então, parece mais claro. Logo, quando pensamos assim, o espaço de possibilidades, o lugar condicionado, o conjunto de condicionamentos que eu utilizo para operar, esse conjunto de condicionamentos salta aos olhos e aos sentidos físicos. Ele salta diretamente, ele salta como o conjunto das aparências ao nosso redor. Ainda que a gente tenha estudado no Prajnaramita que as aparências são todas vacuidades, na verdade nós validamos essas aparências e jogamos dentro dos limites delas. Nós não olhamos a coisa mesmo como ela é, nós olhamos o aspecto luminoso que a gente constrói na relação com cada coisa. O fato de que nós trabalhamos com aspectos luminosos em cada coisa pode ser notado por várias razões, até culturais.

Uma das formas culturais que podemos observar isso, é o fato de que as crianças precisam ser educadas longamente: não põe o pé aqui, agora troca a roupa, agora faz isso, agora faz aquilo... tem que ir longamente. Por quê? Por que eles não veem assim, eles veem de outro jeito. Não é má vontade. Eles não veem. Entendemos, também, que diferentes culturas olham de modo muito diferente as diversas coisas. Mais recentemente eu ouvi os Guaranis dizendo que não entendem os brancos que têm uma resistência a tocar no chão, que acham que o chão é sujo, que a terra é suja. A terra não é suja, a terra é a terra, é a mãe, podemos tocar com o pé, podemos tocar com o corpo. Não tem nenhum problema. Mas os brancos, de outras culturas, estão sempre vestidos, sempre lavando as mãos e se distanciando do chão. Isso é um aspecto cultural. Nós podemos, portanto, dizer que diferentes culturas podem olhar as coisas de outro modo. O movimento dos Guaranis sempre se dá de uma forma que eles se levantam e batem o pé no chão. Enquanto estão batendo, estão fazendo contato com a mãe deles, que é o chão. E aquilo não é um sentido comum, é um sentido profundo, eles se sentem parte e isso dá uma confiança enorme neles, porque na medida em que eles se sentem parte desse solo, dessa mãe, e veem tudo brotando da mãe, vivendo a partir do sol e do vento, do ar, das coisas; eles se sentem integrados, parte dessa grande mãe. Dessa forma, eles podem olhar para toda cultura contemporânea e dizer que eles não têm nada de inferior. Por outro lado, essa cultura toda que se derrama, é uma cultura que vem pra morrer, porque não reconhece a mãe de todas as coisas. Por mais orgulho que essa cultura tenha em criar coisas, em explodir coisas e destruir coisas, ela, não vendo a origem da vida que eles veem, ela é uma cultura inferior. É uma cultura bárbara, é uma cultura que vai gerar muito sofrimento para as próprias pessoas, porque eles não entendem as coisas mais simples do surgimento da vida e da manutenção da vida. Essa é a visão dos Guaranis! Isso significa o quê? Eles têm outros olhos para as mesmas coisas.

Isso nos ajuda a entender como a vacuidade opera. Eles olham para as mesmas coisas e veem outras coisas. Nós já temos uma necessidade de ensinar cada vez mais coisas para os nossos jovens e vai ficando cada vez mais pesado. Por quê? Porque nós vamos atribuindo outras categorias de pensamentos e outras sutilezas de existências artificiais que não são intuitivas, não brotam do coração. Se a gente largar uma criança pequena no chão, ela não tem nenhum problema, ela se move normalmente. O chão absorve a urina dela, absorve as várias coisas e nós vamos fluindo. Agora, se eu quiser ensinar que a criança não deve andar no chão, eu vou ter muito trabalho, que é o que os pais todos têm, muito trabalho para ensinar que os filhos não podem ficar no chão. Os filhos vão tirando sapato, vão tirando meia e vão se esfregando no chão, para o terror dos pais, que imaginam que ali tem formigas terríveis, aranhas terríveis, bactérias terríveis.

São outras culturas, são outras formas de olhar as coisas. Quando nós vemos isso, precisamos entender que esses conjuntos de referenciais dialogam entre si, traduzindo-se como bolhas de realidade, que são formas completas de explicação de tudo. Então, na nossa cultura também, nós temos bolhas completas de realidade que explicam todas as coisas. São bolhas cada vez mais complexas e multifacetadas, com contradições internas, diferentes culturas, diferentes tempos, diferentes bolhas. Por exemplo, o sentido de nacionalidade pertence à bolha, e vai produzindo uma devastação, porque as pessoas vão criando guerras. Existem historiadores que dizem que nós temos uma guerra que já dura mais de 100 anos, que é a Primeira Guerra Mundial. Eles colocam assim: nós estamos ainda no período da Primeira Guerra Mundial, porque ainda que a guerra tenha ocorrido e tenha cessado, os desequilíbrios dela produziram a Segunda Guerra, e os desequilíbrios da primeira e da segunda seguiram na Guerra Fria e seguem ainda. Então, por exemplo, todos os desequilíbrios no Oriente Médio, todas essas regiões, vêm do fracionamento do Império Otomano, que ocorreu durante a Primeira Guerra. E as questões sociais que eclodiram naquele tempo

não estão resolvidas, elas são um barril explosivo, porque as disparidades de renda seguem, as disparidades sociais seguem, a dominação de elites sobre o processo econômico, processo militar, pressionando nações; isto tudo segue, que é uma das características que surgiu no século retrasado e deram origem a movimentos sociais importantes. Nesse momento, poderíamos pensar que estamos em uma cultura globalizada baseada no pensamento liberal, mas isso não é uma coisa pacífica. Não está resolvido, porque ela segue sustentando muitas tensões que já eclodiram na própria Revolução Francesa. Alguns historiadores analisam desse modo, portanto, nós temos uma guerra de mais de 100 anos, que começou em 1914. Mas com certeza, a Primeira Guerra Mundial tem uma gênese em todo o efervescer do século anterior, que, por sua vez, foi um período em que ainda havia escravidão explícita, houve a Revolução Industrial e houve a queda das grandes monarquias na Europa inteira, que foi um movimento que eclodiu primeiro no século anterior, com a Queda da Bastilha e da monarquia francesa. Se vocês olharem naquele tempo, havia uma grande disparidade entre a população, essa disparidade vai produzindo um aspecto cosmético nela e vem vindo, vem vindo e não se resolve, então, essas tensões seguem. Essa é a razão pela qual se diz isso. Isso seria uma bolha. Portanto, nós temos bolhas que são bolhas longas.

Eu fico admirado em ver esses relatos, essas análises assim, como, por exemplo, a importância da cultura Árabe dentro da Europa e como que se estruturou os reinos de Portugal e Espanha a partir dos Visigodos, que instalaram um reinado de gente branca sobre a população que era uma população camponesa, que tinha certo nível de liberdade, cuja contribuição para essa liberdade, para essa sensação de autonomia e de viver de uma forma livre, era dos Mouros. Quando os Mouros chegaram na Europa, dialogaram perfeitamente com essa visão de autonomia, mas quando os reis de Espanha e Portugal se instalaram, eles transformaram todas as pessoas em servos novamente, que é um processo muito inferiorizante. Nessa situação pode se ver perfeitamente as elites surgindo e esse processo se propagando ainda nos tempos de hoje.

É interessante ver que essas bolhas vem vindo assim. Nós não notamos, porque nascemos dentro delas, temos esses sinais, aprendemos a nos mover dentro disso e andamos. Essas bolhas se referem ao jeito que falamos, ao jeito que pensamos, ao jeito que nos vestimos, o que queremos, o que não queremos, como nos relacionamos com a natureza, como nos relacionamos com a vida.

A bolha influencia diretamente. Existem estudos interessantes sobre como o pensamento Mouro, a cultura Moura, influenciou a música no Nordeste. A música nordestina tem vários instrumentos que são instrumentos orientais, porque os Mouros tinham contatos com os indianos. As roupas deles, por exemplo, as bombachas, são roupas indianas, que são dos Mouros, são roupas árabes. Então, os gaúchos botam aquela roupa e dizem “nós somos daqui”. Mas aquilo é profundo, aquilo vem de longe. Quando vocês pensam nos casais de açorianos vindo para cá, eles não eram servos, eles já eram pessoas que cultivavam a terra e tinham uma sensação de autonomia, portanto, eles ficam perfeitos para uma colonização. Largaram eles por aqui e virou “gaúcho”. É um processo interessante.

Poderíamos fazer o livro budista da história das bolhas. É a cultura. São as bolhas onde estamos imersos. A cultura, nós não vemos, mas essas bolhas delimitam o que é possível e o que não é possível, o que é pensável e o que não é pensável, o que pode ser pensado e o que não pode ser pensado. Por que não pode ser pensado? Porque simplesmente nós não pensamos! Aquilo não cabe, não tem lugar, então, não pensamos. Esse é o papel de avidya. Ela delimita. Por isso, não conseguimos pensar, porque aquilo seria impensável. Não conseguimos nem apontar como impensável,

simplesmente não vemos. Esse é o papel da bolha. É importante entendermos isso, porque precisamos escapar de uma espécie de autopunição. Quando começamos a estudar os ensinamentos e entender avidya, temos uma sensação que nós estamos errados, mas nós não estamos errados. Nós estamos fazendo tudo certinho, tudo direitinho, dentro da bolha. Nós não temos inimigos, nós não somos nem ineficientes, nós estamos fazendo tudo direito. Mas dentro da nossa bolha, as dificuldades que nós temos é porque a bolha tem diferentes paisagens mentais dentro dela, que, por vezes, são paisagens contraditórias dentro da própria bolha. Então, às vezes olhamos de um jeito e deveríamos estar olhando de outro e nunca vamos resolver isso. Não temos como resolver, porque é assim mesmo, isso é contraditório. Logo, estamos meio errados sempre. Isso faz parte da Primeira Nobre Verdade, ou seja, isso não tem solução. Mas, para entendermos, precisamos compreender a complexidade da bolha, dos fatores que nos levam a construir operações de mente pela originação dependente do conjunto dos referenciais que eu estou utilizando. Imagine o vento da energia e da luminosidade da mente atravessando os referenciais todos e aquilo vai surgindo como um conjunto de aparências. E essas aparências se constituem em desdobramentos da própria bolha e, então, quando seguem os ventos soprando, outros pensamentos surgem e aquilo segue. Essa é a história dos seres sencientes ao longo do tempo.

É interessante introduzir esse conceito de bolha porque nos ajuda a raciocinar melhor, ele nos tira da fixação a uma questão que é fácil embarcar, ainda mais numa cultura repressiva como nós vivemos, na qual estamos constantemente vendo se estamos certos ou errados. Temos que estar certos, não devemos estar errados. Se eu estou errado, já tenho que explicar por que estou errado, mas eu queria estar certo. Nós ficamos um pouco responsivos, por querermos estar certos.

Se nós introduzirmos o pensamento budista dentro de uma estrutura em que nós estamos fazendo coisas certas ou erradas, isso vai dar problema. Nós não vamos conseguir avançar direito.

Sendo assim, é necessário que nós vejamos como que nós operamos a partir das bolhas, pois tem uma naturalidade. E se nós entendermos que aquilo é um comportamento natural a partir da bolha, nós entendemos perfeitamente que aquilo é vazio e luminoso. É fácil de ver. E vemos que a energia está ali também, que a energia respalda aquilo. É muito curioso, porque a energia vem e dá uma certeza pra nós. Se a energia se movimenta, nós temos uma sensação de certeza, essa sensação de certeza vem porque nós nos endireitamos, nos alinhamos. A energia aparece e nós ficamos retos e poderosos. Nós vemos, por exemplo, as crianças nas relações entre elas, elas têm certezas das coisas. De onde é que vem isso? Não vem do aspecto cognitivo, vem do aspecto da energia. A energia aparece e aquilo brota. Então, o nosso eixo é sustentado pela energia. Nós precisamos contemplar e vemos que a energia está diretamente ligada ao próprio conjunto de referenciais, no caso, a bolha, complexa como está. Nós vamos encontrar os animais assim, orgulhosos, e os cavalos de cabelos ao vento, com certezas, é muito comovente. Uma vez eu ouvi uma descrição que o rebanho vai confiante, feliz, passando por prados floridos, aguados e com sombras em direção ao abatedouro. Eles não veem, mas o que eles veem dá certezas para eles, eles estão indo e estão super bem. É comovente. Nós somos o rebanho, essencialmente isso. Então, nós vamos assim. Nós vemos as pessoas de todas as idades, especialmente os jovens; de repente eles têm certezas, bonito de ver. Essa certeza vem da bolha. A pessoa tem aquela habilidade dentro daquilo, tem uma retidão, tem um brilho, tem uma certeza, mas aquilo é uma bolha! Com pouca capacidade de sustentação.

Então como nós, por exemplo, teimamos em coisas que estão equivocadas? Como nós teimamos? Nós não teimamos no equívoco, nós teimamos naquilo que temos certeza, só que a nossa certeza é uma certeza que vem da bolha. Se alguém está

olhando de uma forma mais ampla, está vendo que aquilo é uma bolha. Como nós vamos pegar um pássaro? Pegar um animal livre da natureza que tem um orgulho, uma beleza, como que nós pegamos? Pegamos, porque entendemos a bolha dele e, entendendo a bolha dele, ele não tem chance! Porque nós raciocinamos como ele vai se mover, nós temos uma bolha mais ampla, nós pegamos ele. Como é que algumas pessoas enganam outras? A pessoa vê a bolha do outro e o outro está perdido. É assim. Então nós operamos dentro de bolhas, nós ficamos previsíveis dentro das bolhas, aí nós somos alvejáveis, somos atingíveis. É assim!